

DIALÉTICA

Dialética desde Heráclito e Platão significa o jogo de opostos. Os pólos opostos (tese e antítese), num primeiro momento se excluem mutuamente, configurando assim uma relação de oposição excludente: um sempre exclui o outro, embora sempre aponte para ele. Num segundo momento, entretanto, essa relação de oposição excludente, trabalhada pela razão que a depura e eleva, transforma-se em uma unidade (síntese) em que os pólos antes opostos estão agora conciliados e unificados. Para que se processe a necessária depuração e, assim, se torne possível a unificação, alguns elementos da tese e da antítese têm que ser superados, outros, guardados. O termo *Aufheben*, tão usado por Hegel, possui ambos os sentidos: superar e guardar. Um exemplo tirado dos clássicos gregos ilustra a questão de forma clara e convincente. Um garoto, ao entrar na Universidade, vê, caminhando a seu encontro, no meio da multidão, a mais bela garota que existe no mundo. Ele pára, vidrado, atingido como que por um raio, e lança à garota um olhar que diz: “Eu te amo”. Este primeiro e inicial amor, os gregos o chamavam de *phílesis*; não temos em português termo equivalente, mas sabemos todos do que se trata. Toda *phílesis* (tese) não obstante seu núcleo maravilhoso é um ato unilateral e arriscado. Na maior parte dos casos a garota olha, vê, desvia o olhar e passa às pressas. Se a garota, porém, olha de volta, se encara aquele que lhe está fazendo a silenciosa declaração de amor, se responde com um olhar que diz: “Eu também te amo”, neste momento surge a antítese, ou seja, a *antiphílesis*. A *antiphílesis* (antítese) não é mais um ato arriscado, mas também ela é um ato unilateral. Quando, a seguir, ele e ela se amam mutuamente e se sabem amados, aí surge a síntese que em grego se chama *philía*, o amor que se sabe correspondido, o amor de um para com o outro, que não obstante apontar para pólos antes opostos, é um único e grande amor que concilia e unifica o que era, num primeiro momento, oposição excludente. Na gênese da *philía* houve tanto o superar como o guardar (*aufheben*). Foram superados o risco e a unilateralidade existentes na *phílesis* e na *antiphílesis*, foi guardado aquilo que de mais positivo e belo havia nos pólos anteriormente opostos. Dialética é, pois, o jogo de dois pólos opostos que, inicialmente se excluem, mas que, depois de serem trabalhados e depurados (*aufheben*), são unificados em um conceito ou proposição sintética. Tese e antítese são falsas porque, embora aparentem ser o todo, são apenas partes incompletas de uma totalidade mais alta, esta, sim, verdadeira. – A oposição entre os dois pólos opostos é denominada por Hegel de contradição (*Widerspruch*). É óbvio que afirmar a contradição

lógica entre dois opostos, significa sempre e necessariamente dizer que um deles é verdadeiro, o outro é falso. Desde Aristóteles sabemos que é assim; negar isso significaria negar o próprio Princípio de Não-Contradição e destruir toda e qualquer racionalidade. É, pois, necessário concluir que aquilo que Hegel chama de “contradição” não é a contradição dos lógicos, mas sim a contrariedade; e dois opostos contrários podem, sim, ser simultaneamente falsos. Há fortes indícios de que o próprio Hegel, embora utilizando o termo “contradição”, queria dizer contrariedade, pois na oposição entre contraditórios um dos termos tem necessariamente um quantificador existencial; isso em Hegel nunca ocorre.

A *dialética ascendente (anábasis)* é aquela que parte da multiplicidade das coisas no mundo em que vivemos e, para compreendê-las corretamente, procura e encontra a síntese entre pólos inicialmente opostos. Da pluralidade de dois opostos (tese e antítese) surge, deste modo, um conceito ou princípio mais alto, um único, no qual a multiplicidade anterior está “superada” e “guardada” (*aufheben*). Ao aplicar este método, que não é a indução dos contemporâneos, ao buscar a unidade dialética a partir da multiplicidade existente, chega-se a conceitos e princípios cada vez mais amplos e, assim, mais universais. De início estes conceitos sintéticos constituem teorias mais ou menos abrangentes, objeto muitas vezes das ciências empíricas. À medida que a dialética sobe a conceitos e princípios sintéticos mais altos e mais universais, emerge a filosofia. Quando a dialética chega ao primeiro e último princípio do universo, temos aí o núcleo duro da filosofia dialética. Dialética é, pois, tanto o método a ser usado para subir da multiplicidade para a unidade, quanto a filosofia que nesse percurso se faz. – A *dialética descendente (katábasis)* parte do primeiro e último princípio para, descendo degrau por degrau, voltar à multiplicidade das coisas existentes. Só que agora o filósofo, que compreendeu o princípio último, uno, de toda a multiplicidade, vê as coisas singulares como momentos do desenvolvimento do *bem e do belo*, a partir do qual e por força do qual surge a multiplicidade das coisas. A substância, pois, é uma única, una, mas sempre em movimento no qual ela se dobra (*implicatio*) e se desdobra (*explicatio*) em perpétuo devir. Todas as coisas são, para a filosofia dialética, momentos da evolução da substância que é uma e única, mas sempre também, dentro em si, multiplicidade em movimento. O sistema filosófico que surge da Dialética é sempre monista e universalista, é um sistema do Uno e do Todo, da totalidade em movimento. O elemento triádico (tese, antítese e síntese) às mais das vezes, mas nem sempre, está explícito. O

mesmo vale para a unidade e unicidade da substância. A dialética descendente em muitos autores, p.ex. Fichte, pretende ser dedução estrita e aí fracassa; o descenso se faz por explicação, como veremos nas observações ao final.

Já em *Heráclito* encontramos o jogo dos opostos, ou seja, a dialética. O caminho que sobe é o mesmo caminho que desce, diz ele. Subir e descer são opostos, mas o caminho é o mesmo, a unidade de ambos os pólos opostos. Em *Sócrates* a dialética põe expressa e claramente tese e antítese como posições falsas. A síntese, entretanto, não é dita e expressa. Sócrates, ao mostrar a falsidade de tese e antítese, como que obriga o ouvinte a formular a síntese, pois não há outra saída dessa aporia; aporia significa exatamente beco sem saída. A saída, a síntese, Sócrates não a dá; o ouvinte deve descobrir e formular o conceito ou o princípio que, superando a falsidade de tese e antítese, lhes confere unidade e verdade. Essa é a pedagogia socrática. Nos diálogos de *Platão* encontramos, via de regra, a dialética sem síntese expressa, como foi dito acima sobre Sócrates. Em muitos diálogos (p.ex. no *Menon*) Platão põe, como se fosse síntese, a rememoração de um mito. Este é o sentido, por exemplo, do mito da estrela (*Menon*) ou do mito da caverna (*República*); trata-se aqui da dialética ascendente. A dialética descendente, em Platão, parte de dois primeiros princípios, o Uno (*to hén*) e a Multiplicidade indeterminada (*aoristos dyás*). Estes dois princípios, um interagindo com o outro e construindo assim novas e mais complexas figurações, dão origem, primeiro, às idéias que são números, depois às outras idéias e, finalmente, à alma do mundo, da qual se desenvolve este mundo concreto em que vivemos. Há em Platão, como se vê, uma tentativa de construir, a partir de dois princípios e mediante a teoria das idéias-números e de uma geometria das proporções, todo um sistema na forma de dialética descendente (*Timeu*). No platonismo a primeira parte do sistema é, pois, o Uno e a Multiplicidade indeterminada, dos quais se originam as idéias e os números; a segunda parte é a alma do mundo, a terceira e última parte, o mundo sensível. Em *Plotino* e *Proclo*, como nos filósofos neoplatônicos em geral, temos, com raríssimas exceções, a presença da dialética como método e como sistema triádico em forma piramidal. Como primeiro princípio, no ápice da pirâmide dialética está o Uno e o Bem ou o Universal; como segunda parte o *lógos*, como terceira parte a alma do mundo. *Agostinho* faz a fusão entre cristianismo e filosofia dialética neoplatônica. O sistema agostiniano, sempre trabalhando com a tríade dialética, também tem três partes. No alto, como primeiro princípio, temos o Deus que é uno e necessariamente trino; este é o ápice da

pirâmide, primeira parte do sistema. À esta primeira parte (tese) contrapõe-se a segunda parte, que versa sobre a natureza criada e o homem que pecou (antítese). Na terceira parte do sistema (síntese), o homem e a natureza são divinizados pela encarnação (partícipes pela graça da natureza divina) e eternizados na Jerusalém Celeste pela ressurreição. A doutrina neoplatônica de Agostinho domina a filosofia medieval até que *Alberto Magno* e *Tomás de Aquino* recebem e assumem, a partir das universidades árabes na Espanha, o aristotelismo. Há que se ressaltar, na Renascença, como pensadores dialéticos, tanto *Giordano Bruno* como *Nicolau de Cues*. Na Modernidade, *Espinosa* ocupa um lugar especial, por dois motivos. Primeiro, ele não se inspira diretamente da tradição grega ou cristã, mas sim da tradição neoplatônica que está presente em trechos da *Kabala* e nos belíssimos poemas de *Judas Abravanel*, o Leão Hebreu. Segundo, ele não explicita as tríades, embora dê extraordinária ênfase à unidade e unicidade da substância. *Espinosa* teve grande influência sobre Goethe, como este mesmo em suas memórias (*Wahrheit und Dichtung*) declara. *Fichte*, *Schelling*, *Hegel* e *Marx* são filósofos tipicamente neoplatônicos; dentre eles, Hegel é o que trabalha de maneira mais explícita o método triádico e a unidade da substância. Na *Fenomenologia do Espírito* ele traça as linhas mestras da dialética ascendente; a partir da multiplicidade do aqui e do agora ele chega, no capítulo final, ao saber absoluto. A *Ciência da Lógica* é a grande tentativa de Hegel de deduzir (*herleiten*) e explicar – dialética descendente - o sistema do mundo com sua multiplicidade a partir de um único grande princípio, que é ao mesmo tempo princípio como começo e princípio como regra; logo adiante voltaremos a comentar este ponto.

Merece ser citado aqui, por sua importância histórica, o *Materialismo Dialético*. Marx elabora já nos três primeiros capítulos do livro *O Capital* a teoria sobre o valor agregado ao produto pelo trabalho. O capitalista, proprietário das máquinas da linha de produção, compra muito barato o trabalho, a mão de obra, daqueles que podem e sabem trabalhar, mas não possuem capital para a aquisição dos equipamentos necessários. O produto final que é, então, vendido nos mercados é fruto de dois elementos: capital e trabalho. Marx e, em seqüência, o materialismo dialético afirmam que todo valor que foi acrescentado ao insumo original, a assim chamada plus-valia, deve pertencer aos trabalhadores. O capitalista e o capitalismo aparecem, assim, como o explorador parasitário que tira da natureza e dos trabalhadores o que a estes deve pertencer. Capital e trabalho estão, portanto, em oposição dialética. Tese e antítese são, em dialética, sempre falsas; deve-se, por conseguinte procurar uma síntese que concilie e unifique em

nível mais alto os dois pólos opostos. Como é necessário, conforme o materialismo dialético, que isso aconteça na história, a revolução comunista é o estágio final que inexoravelmente vai acontecer. No comunismo desaparece, então, a oposição excludente entre capital (tese) e trabalho (antítese), e os trabalhadores constituem a síntese no estado comunista, estágio final da revolução (síntese). – Os erros teóricos do Materialismo Dialético são basicamente dois. Primeiro, a adoção sem crítica do necessitarismo histórico, pelo qual a revolução é inexorável; além das razões filosóficas, os fatos aí estão a refutar este ponto da teoria. Segundo, um erro na análise das relações entre capital e trabalho. O capitalismo selvagem, como acima descrito, foi superado, sim, mas não pelo comunismo e sim pela social-democracia e pela reorientação que se vê hoje no modelo chinês em curso.

No século XX, encontramos, entre os pensadores cristãos, um eloqüente filósofo neoplatônico, o jesuíta *Teilhard de Chardin*. Também no século XX, *Horckheimer e Adorno*, fundadores da Escola de Frankfurt, tentam expor e defender uma dialética negativa, ou seja, uma dialética sem síntese. Na verdade, trata-se nestes autores de uma crítica ao conceito marxista de comunismo como etapa final do percurso dialético da história. Consideramos correta a crítica feita por eles contra Marx e o comunismo, mas é preciso aqui lembrar que nem um nem outro dos autores citados desenvolve pensamento dialético propriamente dito. Dialética, nestes autores, a rigor inexistente. Ainda no século XX, *Ludwig von Bertalanffy*, inspirado diretamente por Nicolau de Cues como também por Goethe, Schelling e Hegel, recria o sistema neoplatônico em linguagem contemporânea e dá nascença ao que vem a ser chamado de Teoria de Sistemas (*System Theory*). Esta influenciou pesadamente autores tão díspares como *Umberto Maturana* (Biologia), *Niklas Luhmann* (Sociologia), *Fritjov Kapra* (Física e Biologia); nestes autores, que se referem explicitamente a Bertalanffy, nem a tríade metódica nem a unicidade da substância recebem ênfase, embora elas estejam neles latentes ou pressupostas. A *International Society for System Sciences* (ISSS), fundada por Bertalanffy em 1956, do ponto de vista do rigor científico, passou e passa lamentavelmente por altos e baixos. Os autores citados, principalmente nos Estados Unidos, não estão mais conscientes que “sistema” é o nome moderno da dialética, principalmente quando se pensa a unidade do sistema como algo que está em evolução; eles esqueceram suas origens filosóficas e fazem filosofia neoplatônica sem o saber. Sem citar Bertalanffy ou a Teoria de Sistemas, importantes autores continuam hoje

trabalhando sobre os fundamentos neoplatônicos e neohegelianos. Aqui o neoplatonismo aparece sob os nomes de Teoria da Complexidade, Teoria de Auto-organização, Teoria de Sistemas evolutivos complexos, *Artificial Life* etc. Sejam citados John Holland (*Adaptation in Natural and Artificial Systems*, 1975), Richard Dawkins (*Selfish Gene*, 1976, totalidade em movimento, necessitarista), John Maynard Smith (*Evolution and the Theory of Games*, 1982), Stuart Kaufmann (*Origins of Order*, 1993), Daniel Dennett (*Darwin's Dangerous Idea*, 1995, tudo em evolução, necessitarista), Edward Wilson (*Consilience: The Unity of Science*, 1998, tudo em evolução), Eric Beinhocker (*The Origin of Wealth*, 2006).

Mas voltemos a Hegel e à reformulação corretiva do sistema que estou propondo. Na *Fenomenologia do Espírito*, - dialética ascendente - Hegel parte do aqui e do agora de nosso mundo concreto para, atravessando uma série de figurações em que o Eu se amplia e se realiza, chegar finalmente ao Eu que se sabe idêntico ao Universo. O Eu é a substância do Universo, a Substância é o Eu universal. Na *Ciência da Lógica* - dialética descendente -, Hegel traça as grandes linhas do último grande projeto, em linguagem filosófica, de um sistema neoplatônico. No primeiro livro, na *Lógica do Ser*, são elaboradas as categorias, isto é, os predicados generalíssimos. No segundo livro, na *Lógica da Essência*, é feita uma crítica radical a todos os sistemas filosóficos de nossa tradição ocidental que defendem uma estrutura dualista do Universo. No terceiro livro, na *Lógica do Conceito*, Hegel pretende reconstruir a antiga Metafísica ao fazer uma metalógica de todas as lógicas e matemáticas possíveis (conceito subjetivo), uma metateoria de todas as ciências objetivas, como Física, Biologia etc. (conceito objetivo), e uma teoria absoluta que seria a síntese das duas primeiras. Neste terceiro livro Hegel obviamente falhou, pois não atingiu nenhuma das metas propostas no projeto. A metalógica de todas as lógicas até hoje inexistente; a grande teoria unificada da natureza (*Great Unified Theory* - GUT), também esta, até hoje não a conseguimos formular satisfatoriamente. Não obstante, é preciso sempre de novo tentar: navegar é preciso, diziam os argonautas companheiros de Teseu, repetia Fernando Pessoa. Eis aqui uma nova tentativa. A reconstrução crítica e, assim, corretiva do projeto de sistema dialético, na tradição de Platão e de Hegel, pode a meu ver ser articulada como segue. Digo crítica corretiva, assim, porque minha proposta articula uma dialética descendente que, à oposição de muitas outras acima citadas, não é determinista. Ela não deduz, ela explica

“ex post”, ela permite contingências. Do ponto de vista explicativo, ela é tão rica e coerente como a teoria original apresentada por Darwin.

1. Lógica do Ser

1.0. Como fazer o começo? Filosofia que se quer crítica, após Descartes e Kant, não pode fazer nenhum pressuposto determinado. Se o faz, deixa de ser crítica e fica dogmática. Por conseguinte, o começo de uma filosofia crítica só pode ser uma proposição que não pressuponha nada de determinado. Ora, quando não se pressupõe nada de determinado e ainda assim se fala, então estamos pressupondo tudo de forma indeterminada. Quem utiliza as categorias totalmente indeterminadas de ser e de nada, não está fazendo nenhum pressuposto determinado. Esta é a via crítica, este é o começo do percurso.

1.1. Tudo é ser, ser sem nenhuma determinação, sem nenhum conteúdo, esta é a primeira proposição do sistema. Esta proposição – tese – é falsa, pois já o ato de fala que a enuncia e expressa é algo determinado; surge assim uma contradição performativa, pois o ato de fala determinado desmente o conteúdo falado. Assim fica demonstrada a falsidade da proposição tética inicial.

1.2. Tudo é nada, um nada sem nenhuma determinação, sem nenhum conteúdo. Também esta proposição – antítese – é falsa, pois contém a mesma contradição performativa mencionada antes. - Em lógica linear, a conclusão a ser tirada da falsidade de tese e de antítese – ambas proposições universais - é que algumas coisas são determinadas, outras, não. Esta conclusão, entretanto, é uma proposição particular e, como tal, embora correta e verdadeira, não cabe no quadro das determinações universalíssimas do Universo. Em lógica dialética não se faz o jogo de contraditórios, mas sim o jogo de contrários. Descartamos como falsas as categorias do ser indeterminado e vazio e do nada igualmente indeterminado e vazio. Prova: existe algo determinado dentro desse Universo. Mas como esta determinação não pode vir de fora, é forçoso concluir que o Universo, em última instância, está em processo de autodeterminação.

1.3. Daí emerge a verdade da proposição sintética: Tudo é devir, ou seja, tudo está em processo de autodeterminação. Esta a primeira tríade dialética da Lógica do Ser. Após mostrar a falsidade da tese – tudo é ser -, bem como da antítese – tudo é o nada -, temos a conclusão verdadeira: Tudo é devir.

2. Desta primeira tríade seguem as seguintes categorias ou predicados universalíssimos: Tudo é qualidade, tudo é quantidade, tudo é medida, isto é, a quantidade flectida sobre si mesma. O devir pressupõe dentro em si sua qualidade e sua quantidade em movimento de autodeterminação; esta, dobrando-se sobre si mesma, se descobre como medida.

3. Na Lógica do Ser ficam deste modo excluídas todas as filosofias que sejam ou dualistas ou só idealistas ou só materialistas. A pior posição, é óbvio, é a do dualista.

2. Lógica da Essência

2.1. Este segundo livro poderia ter como título *Contra a Essência*, pois nele a própria noção de essência é dissolvida; para Hegel não existem essências, mas apenas algumas configurações que são logicamente necessárias e outras configurações que são contingentemente mais ou menos estáveis. O homem não tem uma essência; esta é apenas uma configuração estável de relações em uma história contingente; o homem é fruto de um longo processo evolutivo. A questão central, quando se trata de binômios, é que inevitavelmente caímos na irracionalidade de um *progressus* ou de um *regressus ad infinitum*; aquilo que Hegel chama de má infinitude. A tentativa de resolver o problema de forma linear leva sempre, como levou Aristóteles e Tomás de Aquino, à postulação arbitrária e dogmática de pôr, em algum lugar, um primeiro começo (*arkhé*) ou um fim último (*télos*). Pôr onde? Em que lugar da série? Em qualquer lugar da série? Ela não é *ad infinitum*? Como, então, encontrar um começo ou um fim? A resposta correta, que evita o dogmatismo arbitrário, encontra-se no pensamento dialético que põe os pólos opostos em forma de círculo que, girando, se constitui e se retro-alimenta. Este círculo, em que um pólo constitui e alimenta o pólo a ele oposto, é o círculo virtuoso. Este, em sendo virtuoso, resolve a questão do *regressus ad infinitum*, já porque a *causa sui* ocorre em múltiplos pontos da trama causal, como p.ex. na vida, na mente, na decisão livre etc. O começo se dobra sobre si mesmo e encontra seu fim em novo recomeçar. A causa causante e o efeito causado não entram em *regressus ad infinitum*, porque a primeira causa é sempre a *causa sui*; o movimento causal é primeiramente autocausação e só por abstração analítica – *análisis* – é que temos, depois, a causa causante como algo separado do efeito causado. Mas, não existe também o círculo vicioso? Não é neste que se pensa quando se fala de circularidade? Certo, existem círculos virtuosos como autoconsciência, autocausação, auto-organização etc., como existem também círculos viciosos, como por exemplo a escalada de violência no jogo de ataque e defesa. Nestes

casos o filósofo tem a tarefa de transformar os círculos viciosos, que são sempre autodestrutivos, em círculos virtuosos, que são sempre autoconstitutivos. O critério aqui é absolutamente pragmático: é virtuoso o círculo que dá certo. Os círculos viciosos são sempre autodestrutíveis.

2.2. Essência e aparência, ato e potência, forma e matéria, substância e acidente, fundante e fundado, causa causante e efeito causado, necessidade e contingência entram nas filosofias dualistas como pólos opostos e excludentes. A dialética nos faz pensá-los como momentos internos da flexão sobre si mesma, da reflexão, unidade de dois pólos que se constituem mutuamente em boa circularidade. Assim, ao invés do dualismo de essência e aparência emerge a categoria sintética e circular de automanifestação; do fundante e fundado surge o monismo da autofundamentação, que engendra dentro em si como momentos a ela internos o que funda e o que é fundado. Causa causante e efeito causado não são irreduzíveis nem existem em si mesmos e por si próprios, são, isso sim, momentos internos constituídos pela autocausação (*causa sui*); a oposição entre um e outro só surge quando esquecemos a unidade original que a eles dá origem. Sujeito e objeto primeiro se opõem e excluem, depois – na síntese – se unificam sob o nome de sujeito absoluto. O interior e o exterior constituem outro binômio clássico; para a síntese deles não se criou um termo específico.

O todo e a parte constituem um binômio especial, pois neste caso o termo “todo” não é um pólo ao qual se opõe o outro pólo, a saber, a “parte”, mas significa a síntese das muitas partes dentro de uma identidade mais alta. O todo não é tese, a parte não é antítese. O todo é a síntese que dentro em si engendra, constitui, concilia e unifica as partes. – É por isso que eu – neste ponto de acordo com Hegel – não trabalho com um Deus transcendente, ato puro sem potência, necessidade sem contingência, o qual então criaria a natureza em sua multiplicidade e contingência. Nesta concepção teísta, que é a de Tomás de Aquino e de alguns autores contemporâneos, como *L. Puntel*, há a meu ver uma contradição. Pois a totalidade realmente universal é somente aquela que compreende tanto o tal Deus criador quanto a criatura, tanto o tal absoluto quanto o contingente. Ao tentar provar a existência de um Deus necessário que não é o absoluto omni-abrangente, ou seja, não é a totalidade realmente universal, Deus é provado duas vezes. Há aí dois deuses e um deles não é o todo, o absoluto, o omni-abrangente. Se alguém quiser, portanto, usar o termo “Deus”, deve usá-lo só no singular e só com relação ao todo universal e omni-abrangente. O todo é mais do que a soma de suas

partes – transcendência -, mas por outro lado está presente em cada uma delas – imanência -. Este é o panenteísmo que proponho e defendo.

2.3. É feita aqui a dissolução radical dos dualismos que perpassam os grandes sistemas filosóficos de nossa tradição. Isso não nos leva à dissolução total? O Universo não se desmancha? A razão não se quebra em cacos? Não, evidentemente que não. Pois à cada desconstrução de um binômio dualista corresponde a construção de uma tríade dialética. Superamos sim a dualidade de opostos que se excluem, guardamos estes mesmos pólos opostos, mas unificados no conceito sintético. Ao invés de binômios excludentes, trabalhamos com tríades dialéticas; em todas elas tese e antítese se conciliam e se unificam. A dissolução radical dos binômios dualistas nos leva à categoria final da Lógica da Essência: Tudo é relação para consigo mesmo, relação absoluta.

3. Lógica do Conceito

3.1. Como a Lógica da Essência faz a dissolução de todas as essências, a Lógica do Conceito faz a dissolução de todos os conceitos. O projeto de Hegel de fazer uma metalógica de todas as lógicas (conceito subjetivo) e uma metaciência de todas as ciências, *Theory of everything*, (conceito objetivo) não foi até hoje realizado. Não nego que a Filosofia um dia deva chegar lá, não nego que o núcleo duro da Filosofia seja exatamente este. Mas estas tentativas de reconstruir o sistema neoplatônico de Filosofia até agora sabidamente fracassaram.

3.2. Seja-me permitido propor à crítica de meus pares, com a humildade intelectual necessária, uma metaciência de todas as ciências, uma *Theory of Everything*, uma nova Metafísica. Ela existe há muitos anos em terminologia das ciências biológicas e sociais e é denominada desde *Ludwig Bertalanffy Teoria de sistemas*, mais recentemente *Teoria da Complexidade* ou *Teoria de sistemas evolutivos complexos*. Penso que a partir do conceito da relação absoluta como antes exposto, do conceito do Universo que se constitui e desenvolve em movimento, podemos, sim, traçar as linhas mestras de uma teoria geral do mundo.

O primeiro e único grande princípio do Universo é aquele que formula a identidade que, pela mutação ou emergência do novo está em movimento e que, sempre de novo, se reorganiza para que haja a indispensável coerência das partes entre si e para com o todo. Tudo é identidade, tudo é diferença, tudo é coerência. – A identidade aqui não é a identidade dos lógicos, “ $x = x$ ”. Pensemos na posição de um educador ao tratar de um adolescente que está em busca de sua identidade. Esta identidade do adolescente, neste

caso sim, é uma identidade que se defronta com suas diferenças e procura no processo de identificação vir a ser aquela identidade que aqui e agora é um fim projetado e a ser alcançado. No adolescente identidade é um processo em que o eu inicial perfaz um longo percurso até reencontrar-se consigo mesmo no eu final. A identidade, primeiro elemento do grande princípio do Universo, é a identidade em movimento. Ela se duplica, triplica e, ao replicar-se constitui a série da identidade iterativa: “a, a, a...”. Ainda não surgiu o novo; a diferença ainda não veio à tona, mas já há o dinamismo processual. Quando surge o novo, a identidade encontra-se com as mutações que brotam no processo: surge aí a emergência do novo, de algo que não estava preprogramado na identidade meramente iterativa do “a, a, a...”. O Universo, que se replica e multiplica, desenvolve-se para dentro de si mesmo; fora do Universo não há nada. O grande sistema do Universo, pois, ao se replicar e ao engendrar seus subsistemas, não os põe fora de si, mas sim dentro de si mesmo.

3.3. O Universo, o primeiro e omni-abrangente sistema, sendo ele o próprio devir, engendra de si e dentro de si mesmo os subsistemas que vão configurar mediante longa evolução a pluralidade concreta das coisas neste mundo em que vivemos. Homem, cabra, planta, molécula, átomo e quark são configurações de relações, mais ou menos estáveis, que foram surgindo dentro desse processo universal de evolução contingente e histórica. Os subprincípios de identidade e coerência constituem e garantem a unidade do todo, o subprincípio da diferença engendra a multiplicidade em que ele se desdobra. Daí o termo “desdobrar” (*explicatio*). Somos todos dobras – *plica* - da substância única que é o próprio sujeito objeto absoluto. Percebe-se claramente de onde vem a noção contemporânea de sistema e como este sistema engendra seus subsistemas. Teoria de Sistema, Teoria da Complexidade e Teoria da Evolução são os nomes modernos do neoplatonismo e do neohegelianismo. Meus agradecimentos, aqui, a Bertalanffy, Maturana, Luhman, Kapra, Kaufmann e tantos outros que, embora não na linguagem da Filosofia, resgataram esta visão neoplatônica do mundo, mantiveram-na viva durante o século XX e a introduziram no século XXI.

Ao chegar ao fim voltamos ao começo. A Filosofia em sua longa história, de Tales de Mileto até nossos dias, pode e deve ser compreendida como uma árvore. As raízes são os filósofos pré-socráticos até Sócrates inclusive; este é o chão, este é o tronco do qual nasce a árvore da Filosofia. Esta, a Filosofia, já aí, se bifurca em dois grandes galhos – com suas muitas derivações -, a saber, o platonismo e o aristotelismo. O *platonismo*

caracteriza-se pelo método triádico-dialético e pela unidade e unicidade da substância do Universo, como vimos acima. O *aristotelismo* põe enorme ênfase nos cortes (*analysis*) e nas dicotomias que deles surgem; não há ênfase suficiente – penso eu - na síntese e os princípios filosóficos aparecem como binômios (substância e acidente, forma e matéria, ato e potência, corpo e alma etc.). Nos aristotélicos há sempre uma pluralidade de substâncias. A linha dialética começa com Platão e leva a Plotino, Agostinho, Proclo, Johannes Scotus Eriugena, Escola de Chartres, Giordano Bruno, Ficino, Nicolau de Cues, Espinosa, Fichte, Schelling, Hegel, Marx, Teillard de Chardin, Bertalanffy, Maturana, Luhmann, Kaufmann etc. A linha analítica vem de Aristóteles e leva a Alberto Magno, Tomás de Aquino, Ockham, Descartes, Hume e o Empirismo Inglês, Kant, Wittgenstein e à Filosofia Analítica de nossos dias.

Dialéticos e analíticos somos, entretanto, todos nós quando, argumentando com razões e em amizade uns contra os outros, construímos o diálogo que é a própria dialética. É exatamente isto que estamos fazendo. Verdades, mas também falsidades vão emergir; o processo de falsificação irá desmascarar as inverdades. No curso do processo aproximamo-nos da verdade, sem jamais alcançá-la completamente. Pois, a verdade é sempre e somente o todo.

Referências bibliográficas

PLATÃO. *Oeuvres complètes*. Edit. M. CROISE. Paris: Les Belles Lettres, 1920ss.

(Especialmente os diálogos. *Menon, República, Sofista, Filebo, Parmênides*)

NICOLAI DE CUSA. *De docta ignorantia*. Hamburg: Felix Meiner. 1979. 3 vol.

G.W. F. HEGEL. *Werke* edit. E. MOLDENAUER e K.M. MICHEL. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971. 20 v.

B. SPINOZA. *Oeuvres complètes*. Edit. R. CAILLOIS, M. FRANCÈS, R. MISRAHI. Paris: Gallimard, 1954.

K. MARX. *O Capital*. Trad. R. SANTANA. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 6 vol.

C. TAYLOR. *Hegel*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.

E. LUFT. *Sobre a coerência do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

E. LUFT. *As sementes da dúvida*. São Paulo: Mandarim, 2001.

C. CIRNE-LIMA. *Dialética para principiantes*. 3. edit. São Leopoldo: Edit. UNISINOS, 1966.

C. CIRNE-LIMA. *Depois de Hegel*. Caxias do Sul: Edit. UCS, 2006.

Carlos R.V.Cirne-Lima

Doutor pela Universidade de Innsbruck (1959), Professor Titular na UFRGS (1967-1991), PUCRS (1991-1999) e UNISINOS (2000-).